



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC.
Licenciatura Intercultural Indígena Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo Kanindé e
Anacé - LII PITAKAJÁ.

SUERDO GOMES MARTINS
SUZENALSON DA SILVA SANTOS

PELAS VEREDAS DA MEMÓRIA: HISTÓRIA, AFIRMAÇÃO ÉTNICA E
ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA ENTRE OS ÍNDIOS KANINDÉ

UFC
Fortaleza, CE, Julho de 2016.

**SUERDO GOMES MARTINS
SUZENALSON DA SILVA SANTOS**

PELAS VEREDAS DA MEMÓRIA: HISTÓRIA, AFIRMAÇÃO ÉTNICA E ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA ENTRE OS ÍNDIOS KANINDÉ.

Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo Kanindé e Anacé – LII PITAKAJÁ da Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito para obtenção do Nível Superior em Licenciatura Intercultural Indígena – Habilitação em **Culturas Indígenas, Ciências Humanas, Gestão Escolar, Matemática e Língua Portuguesa**. Sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Kleber Saraiva de Souza.

UFC
Fortaleza, CE, julho de 2016.

SUERDO GOMES MARTINS
SUZENALSON DA SILVA SANTOS

PELAS VEREDAS DA MEMÓRIA: HISTÓRIA, AFIRMAÇÃO ÉTNICA E ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA ENTRE OS ÍNDIOS KANINDÉ.

Monografia de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo Kanindé e Anacé – LII PITAKAJÁ – Habilitação em **Culturas Indígenas, Ciências Humanas, Gestão Escolar, Matemática e Língua Portuguesa**, como parte dos requisitos necessários à obtenção de graduação em Licenciatura Intercultural Indígena – Habilitação em **Culturas Indígenas, Ciências Humanas, Gestão Escolar, Matemática e Língua Portuguesa**

Aprovada em 25 de Julho de 2016

Banca Examinadora

Prof. Dr. Carlos Kleber Saraiva de Sousa
Orientador (UFC)

Prof. Ms. João Paulo Vieira Neto
Examinador (a) / PEP/ IPHAN

Prof. Dr. André Aguiar Nogueira.
Examinador (a) (PUC São Paulo)

AGRADECIMENTOS

Ao nosso Pai Tupã, por ter nos dado saúde e força para concluirmos nosso trabalho e superar os nossos obstáculos durante esta grande jornada em nossa vida, aos encantados e a todos os índios kanindé, do passado e do presente, dedicamos este trabalho.

A nossa família em especial aos nossos pais Francisco José Barbosa Martins e Marizalva Gomes Martins pais de Suerdo Gomes e José Maria Pereira dos Santos e Tereza da Silva Santos pais de Suzenilson e esposas e filhos que nos incentivaram, apoiaram e compreenderam o porquê de nossas ausências em suas vidas, aos amigos pelo amor, incentivo e apoio incondicional que nos deram, em fim a todos que diretamente ou indiretamente fizeram parte desta formação, o nosso muito obrigado!

As Lideranças do povo kanindé que atuam diretamente no movimento e que depositaram sua confiança em nós para que pudéssemos buscar novos conhecimentos e assimilar um contexto muito mais amplo da educação escolar, apoiando nossa jornada em busca do aprendizado, fazemos questão de mencionar o nome desses grandes guerreiros aos quais: Cacique Sotero, Pajé Maciel, Valdo Teodósio, Senhor Bernardo, Cicero Pereira, José Maciel, José Clóvis, vocês são fundamentais!

A Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos em especial ao Núcleo Gestor na pessoa e amigo Elenilson Gomes Diretor, ao secretário escolar Suzenilton Santos, a coordenadora pedagógica Maria Ivonês que se dedicaram profundamente entre os vários obstáculos provindos das estratégias do estado. Aos professores Kanindé que nos supriam em nossas ausências dando – nos ainda mais vontade de aprender e conquistar novos horizontes e conhecimentos para nossos alunos são eles: Neuma Batista, Maria Gerlene, Camila Santos, Joselane Lima, Evania Maria, Rita Alexandre, Renilvania Martins, Keytycyany Kelly, Daniele Barroso, Jair Martins, Francisco Pacheco, Reginaldo Santos, não podemos esquecer também nossos companheiros de luta professores kanindé cursista do LII PITAKAJÁ: Nilton Kanindé, Paulo Kanindé, Carlíane Vieira, Terezinha Gomes, Elicleide Pereira, Valdelia Gomes todos fazem parte dessa história. Também aos funcionários e voluntários da escola: Jucilene Santos, Joselita Lima, Jacinta Lourenço, Pedro Wilson, Tarcísio Gomes, Francisca Roberta, Sergio Gomes, Francisco Suzenilson, em fim, aos pais e alunos que nos incentivaram em nossa formação o nosso muito obrigado.

A Universidade Federal do Ceará através do professor Kleber Saraiva coordenador do LII PITAKAJÁ que assumiu conjuntamente esse grande desafio para com os

povos indígenas no Ceará dando visibilidade e abrindo espaço para que a Universidade Federal do Ceará assumisse esse compromisso para com os povos indígenas, também as pessoas de Emile Lima, Elane, Glaubiana Alves vocês foram excelentes e excepcionais na realização desse momento.

Aos professores da licenciatura intercultural que nos proporcionaram uma nova visão sobre o aspecto educação escolar indígena pelos quais faremos questão de mencionar todas as nossas lideranças indígenas que foram nossos professores são eles: Cacique Sotero (Povo Kanindé), Pajé Barbosa (Povo Pitaguary), Cacique Daniel (Povo Pitaguary), Venâncio Pitaguary, Carlinhos Pitaguary, Nadia Pitaguary, Ana Clécia, Francilene Pitaguary, Cacique Pequena (Jenipapo Kanindé), Dona Raimundinha (Tapeba), Dona Lucia (Tapeba), Dona Adelize (Anacé) a todos vocês nosso grande agradecimento.

A todos os professores da universidade federal do Ceará nosso muito obrigado seus conhecimentos repassados foram categóricos para que nosso aprendizado fosse conquistado ao máximo de nível possível sintam-se abraçados por nós e também aqueles que vieram de outras universidades fora do estado dar sua contribuição que foi fundamental nesse processo.

Dedicamos também a todos os PITAKAJÀ cursista que nos animaram e deram sua coragem para que pudéssemos chegar a mais esse degrau de conquista dos povos indígenas do Ceará que transmite a todo vapor essa memória educacional fortalecendo nossa identidade.

A Maria Amélia Leite nosso muito obrigado por ter sempre incentivado o povo kanindé a ser grande e sempre buscar interagir diante da sociedade pois sempre nos dedicamos aos seus ensinamentos que nos foram cruciais para adentrarmos ao movimento indígena que hoje é referência a nível nacional.

A dois irmãos de coração que tem se doado a luta dos povos indígenas do Ceará, primeiro na pessoa de Alexandre Oliveira Gomes um grande parceiro e irmão de luta, de vivência, de memórias vivas, de construção coletiva e segundo a João Paulo Vieira Neto, dedicado a todo instante pela luta das memórias dos povos indígenas pela amizade e orientação muito cuidadosa que soube nos guiar nessa perspectiva coletiva, “ALEX” e “JP” podemos lhes chamar assim, pois durante todos esse anos nós fizemos uma relação de família realmente onde vocês nos ensinaram como descobrir e acima de tudo trilhar pelas veredas da

memória kanindé tornando-nos principalmente pesquisadores natos não somente então sobre a história kanindé mais sim adentrarmos a fundo na história e vivenciarmos outras formas de vida também, dando-nos oportunidades de acreditar que a história dos povos indígenas tem de ser vivenciada e contada por nós próprios, nosso muito obrigado por ter dados os kanindé as referências que hoje somos em todo o Brasil.

Por fim ao núcleo educativo do Museu Kanindé e a toda geração futura Kanindé!!!

Digam ao Povo que Avance!!

Avançaremos!!!

RESUMO

Nas veredas da memória, traz em seus textos os diversos caminhos de conhecimentos deixados pelos ancestrais e que estão presente na comunidade, conhecimentos de uma nação são pertencentes aos guardiões da memória. Na entrevista, os guardiões contaram fatos históricos que são guardados nas lembranças e repassados de geração em geração através da oralidade, tudo isto fortalecendo a afirmação étnica e cultural do povo. A Escola indígena Manoel Francisco dos Santos e o MK (museu indígena kanindé) foram formas metodológicas que os troncos velhos utilizaram para repassar os conhecimentos guardados pelos anciões donos do conhecimento para o povo tendo em vista o enriquecimento cultural e étnico das novas e futuras gerações. Na perspectiva atual, os kanindé estão relacionados a construção da rede de memória museológica social que busca relacionar as ações de patrimônio e memoria indígena entre vários povos indígenas.

Palavras chaves: Memória, educação escolar, comunidade, museologia

ABSTRACT

In the paths of memory, brings in his texts the various paths of knowledge left by ancestors and that are present in the community, knowledge of a nation are owned by the guardians of memory. In the interview, the guardians told historical facts that are stored in memory and passed on from generation to generation through oral tradition, all strengthening the ethnic and cultural affirmation of the people. The Indian School Manoel Francisco dos Santos and the MK (indigenous museum Kanindé) were methodological ways that old trunks used to pass on the knowledge stored by the owners elders of knowledge to the people in view of the cultural and ethnic enrichment of new and future generations. In the current perspective, Kanindé are related to construction of the social memory museum network that seeks to relate the equity shares and indigenous memory among various indigenous peoples.

Keywords: Memory, education, community museology

INDICE

Introdução	9
História dos Kanindé	11
Afirmação Étnica	17
Educação Semeando Frutos: Uma Escola de Sentidos	23
Museu Indígena Kanindé: Fórum de Produção de Conhecimentos e Ancestralidade Indígena.	30
Considerações Finais	38
Bibliografia	39
Acervo Museu Kanindé	40
Entrevistas	41
Sites / Blogs	42
Anexo 1	43
Anexo 2	47

INTRODUÇÃO

“Sem o sol e sem a lua fica tudo apagado, o índio sem a terra tá tudo acabado” (Cacique Sotero).

Através da arte indígena de contar, nos debruçaremos sobre as veredas da memória do povo Kanindé e compartilharemos fragmentos das histórias e das memórias de nossos ancestrais que teimam em existir, resistir e se reinventar para as gerações futuras.

Apresentaremos no presente trabalho as vozes e sentidos de uma ancestralidade indígena que jamais foi esquecida pelos índios que viveram e vivem no alto da serra de Aratuba e no sertão de Canindé. Comunidades que se mobilizaram na década de 1990 para afirmar sua etnicidade por meio da organização de instâncias comunitária que impulsionassem o fortalecimento de uma identidade indígena Kanindé.

O entoar do maracá na batida do tambor fortaleceu a espiritualidade e nos motivou a desbravar as veredas da memória e nela encontrar segredos que resistiram e resistem a ação impiedosa do tempo nas lembranças dos troncos velhos. Aquilo que insistiu em permanecer, muitas vezes inconscientemente, entre os que de fato foram e são os construtores de uma história indígena coletiva em nosso território.

Escrevemos, portanto, a partir de um olhar indígena comprometido com a construção de outras narrativas sobre a presença indígena no Ceará. Uma oportunidade que nos é única, afinal quando se imaginou que o indígena poderia escrever a sua própria história? Narrar em primeira pessoa suas memórias e experiências, dificuldades e conquistas, trajetórias de lutas e resistências?

Sempre esteve viva entre nós a vontade de sermos cada vez mais conhecedores da sabedoria e ciência de nossos sábios troncos velhos para preservarmos aquilo que é vida e, portanto, vital para a nossa existência enquanto indígena.

Percorrer as veredas da memória Kanindé nos fez perceber os inúmeros rastros, os diversos caminhos deixados por nossos ancestrais para podermos hoje contar a história dos Kanindé ao longo dos anos. Nossos troncos velhos e encantados nos guiaram nesse reencontro

e nos mostraram como chegar até a “loca”, uma vereda de peba, pois precisávamos escavar o passado para contar e afirmar a nossa história, nossa existência no agora, compreender como chegamos até aqui e para onde queremos ir. Pelas veredas da memória Kanindé nos foi possível delinear alguns marcos e acontecimentos que o nosso povo vivenciou durante seu processo de afirmação étnica. Permitiu-nos registrar a grande luta dos Kanindé pela conquista da terra da Gia, que foi durante muito tempo mote de resistência e afirmação entre os Kanindé, pois um local de sobrevivência para os antepassados, de aproximação muito forte com a natureza e com o universo dos encantados.

Neste percurso de organização comunitária dos Kanindé nasceu também o desejo de construção de uma educação diferenciada. Mostraremos o que motivou seu surgimento, as dificuldades para a criação da escola e sua função social dentro da comunidade. Por fim, apresentaremos as raízes do Museu Indígena Kanindé, seu fundador, sua composição, e as principais atividades que lá desenvolveram ao longo de sua década existência, seus frutos e a importância que o mesmo assumiu e assume no processo de articulação comunitária e afirmação étnica.

Essas são as vozes que ecoam em nosso trabalho de pesquisa. O silêncio da memória dá vez à emergência de narrativas nativas para que possamos produzir novos olhares e reflexões, para que possamos mostrar no futuro uma história mais plural e diversa, que contemple as versões de nossos ancestrais e fortaleça a afirmação étnica e organização comunitária do povo Kanindé.

HISTÓRIA DOS KANINDÉ

“(…) não ouvir a história de nossos velhos é a mesma coisa que perder os nossos documentos que se resumem na manutenção de línguas e de costumes tradicionais”
– (Álvaro Tukano)

O povo indígena Kanindé habita as Zonas Rurais dos municípios de Aratuba (Aldeia Fernandes e Aldeia Balança “Pé da serra”), e Canindé (Aldeia Gameleira), perfazendo um total de 1.101 pessoas em aproximadamente 285 famílias em 249 residências nas três localidades no estado do Ceará, segundo os dados do cadastro de indígenas realizado pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) Coordenação Regional Nordeste II no ano de 2010. (Sistema de Controle demográfico – Coordenação Regional Fortaleza).

Na história dos Kanindé as três comunidades que formam o povo, uma localizada no sertão de Canindé (Aldeia Gameleira) e as outras duas na descida da serra de Baturité (Aldeia Fernandes e Aldeia Balança). Todas elas se caracterizam por ter uma relação muito forte de consanguinidade que demonstra uma genealogia comum ao longo de sua existência, principalmente física e cultural. Seu processo de afirmação e organização étnica enquanto povo indígena Kanindé se iniciou em 1995, a partir do contato com as demais etnias do Ceará, principalmente os Tremembé de Almofala, estimulados pela entidade indigenista Associação Missão Tremembé (AMIT)¹. Desde então, nasce uma grande mobilização pela afirmação étnica, pela demarcação do território, saúde, educação diferenciada, memória etc. obtendo crescente reconhecimento público e governamental.

Sobre a história dos índios Kanindé, ainda existem poucos estudos acadêmicos que possam nos ajudar a refletir historicamente sobre o contato, os conflitos e as resistências do povo Kanindé ao longo dos últimos séculos, desde a fundação de aldeamentos indígenas no Ceará, das vilas de índios, dos massacres e migrações que transformaram a história dos indígenas do *Siará*, seus aspectos culturais, educacionais e principalmente suas formas de organização social, cosmovisão de mundo, relacionamento com a natureza e com o mundo dos encantados.

¹ A Associação Missão Tremembé – AMIT - é uma associação privada sem fins lucrativos localizada em Fortaleza – CE. Foi fundada em 10/11/1995 com o objetivo de garantir a defesa dos direitos sociais Indígenas. Na época trabalhava com os indígenas no Ceará e em especial com os Tremembé de Almofala e os Kanindé de Aratuba. A Associação Missão Tremembé teve uma grande importância na reafirmação étnica do povo indígena Kanindé, foi uma das articuladoras do movimento indígena Kanindé, envolvendo vários outros povos indígenas do Ceará também na luta.

Em pesquisa de campo para realização de dissertação de mestrado em antropologia durante o ano de 2011², Alexandre Oliveira Gomes, nos revela alguns aspectos históricos sobre os Kanindé. Segundo ele, os “Kanindé, Jenipapo e Paiacú seriam parentes do mesmo tronco Tarairiú e que a partir do século XVII são relatados nas batalhas do sertão, em alianças com outros povos ou contrários e vindo logo após essas ações aldeados em monte mor (Baturité e Pacajus)”. (GOMES, 2012, p. 78).

Os Kanindé são considerados na historiografia como sendo um povo nômade da grande nação dos Tarairiú, chamados em muitas fontes de Tapuias, que ocupavam diversas áreas do sertão das capitanias de Pernambuco, Paraíba, Itamaracá e Rio Grande do Norte. Entraram definitivamente na História do Brasil Colonial quando um de seus principais, o chefe indígena Canindé, que liderava os Janduís aos quais faziam parte deste grupo também os Kariri, no século XVII, forçou a assinatura de um tratado de paz com o rei de Portugal, Dom Pedro I.

O referido tratado de paz entre o principal Canindé e o rei de Portugal foi proposto após Canindé ter liderado 3.000 Janduís numa batalha contra 300 soldados do exército real, em 1687. Na ocasião, as tropas reais que viajavam de Pernambuco para o Rio Grande do Norte foram surpreendidas pelos indígenas e obrigados a se refugiarem na fortaleza do Açú. O episódio ficou conhecido na historiografia como a famosa guerra do Açú. Depois dessa batalha Canindé foi preso e se tornaram cada vez mais violentos os ataques contra os indígenas. O líder dos Janduís cansado de tantas guerras, mortes e sofrimentos propôs então um acordo paz com os portugueses. (GOMES, 2012).

O acordo foi assinado em 10 de abril de 1692 entre Canindé e o Rei de Portugal. Nele o principal dos Janduís promete serem ele e seus descendentes “obediente a sua majestade” aceitando o batismo cristão. Cederia ainda cinco mil guerreiros para os serviços da coroa portuguesa e em troca receberiam 10 léguas em quadra ao redor de suas aldeias e serem protegidos pelos portugueses em caso de ataque de outras populações. Esse tratado durou pouco, pois em 1694, foi descumprido pelo novo governador que ordenou expedições de extermínio para com as populações indígenas. (GOMES, 2012).

² GOMES, Alexandre Oliveira. Aquilo é uma coisa de índio: objetos, memória e etnicidade entre os Kanindé do Ceará. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2012.

Outras referências históricas nos permitem esboçar uma reflexão histórica sobre a resistência dos Kanindé durante seu processo de ocupação. Dentre elas destacamos uma concessão de Sesmaria com data de 17 de agosto de 1734. Trata-se, na verdade, de um registro de data e sesmaria aos tapuios da nação dos Kanindé. O mencionado documento revela que o pedido teria sido feito três anos antes, em 1731, quando “através de uma petição, o principal da nação Canindé recorreu ao governador de Pernambuco solicitando duas léguas de terras para se aldearem”. (GOMES, 2012, p. 88).

Existe uma cópia desse documento nos arquivos do Museu dos Kanindé, que serve como referência para os próprios Kanindé e também pesquisadores, estudantes e monitores do núcleo educativo perceberem as diferentes estratégias de luta esboçadas pelo povo Kanindé ao longo de sua História. O acordo de paz e as negociações em torno da concessão de uma carta de sesmaria podem demonstrar a astúcia e as estratégias delineadas pelos Kanindé numa época em que sua sobrevivência física e cultural estavam ameaçadas depois de tantas batalhas contra o colonizador. Quem sabe diante de tantas guerras e perseguições a única saída possível para sobrevivência do grupo seria se pacificar. E surgia daí uma nova possibilidade de vida “para uma população provinda de décadas de conflitos bélicos, esse era o novo caminho a ser trilhado: morar com os padres, trabalhar para os brancos, se deixar aldear”. (GOMES, 2012, p. 91).

Sobre esse processo histórico vivido pelos Kanindé, Alexandre Gomes nos diz que:

“Os vestígios da trajetória histórica da nação Kanindé permitem acompanhar interações e contatos realizados no território da capitania do Siará no século XVIII, as datas de sesmarias e sua distribuição permitem-nos acompanhar o processo de ocupação por dois caminhos. Para a chegada na região de Canindé, através da serra de Baturité; e para a ocupação do sertão de Quixeramobim, pelos rios Jaguaribe e Banabuiú. Nesta confluência de frentes colonizadoras, os Kanindé se deslocaram, territorializaram e migraram até chegarem em Baturité, em 1764”. (GOMES, 2012, p. 78).

Baturité foi uma região habitada pelas etnias Kanindé e Jenipapo tornando-se vila no ano de 1764. Kanindés e Jenipapos foram juntados aos quixelôs para formarem a então composição da vila de monte mor o novo d´américa pois, “Monte-mor havia sido denominado, inicialmente, de Aldeia dos Paiacú e tornou-se, posteriormente, Freguezia da Villa de Nossa Senhora da Palma de Monte-mor novo”(GOMES, 2012 p. 90).

A verdade é que os indígenas sempre estiveram presentes nessa região.

“pois esta presença no maciço de Baturité é, até hoje, extremamente difundida, seja através das tradições orais, seja na identificação de populações declaradas e reconhecidamente descendentes, mesmos que não mobilizadas etnicamente pelo reconhecimento enquanto povos indígenas”. (GOMES, 2011. p. 95).

Certamente, os indígenas da nação Kanindé eram organizados e através desta organização obtiveram visibilidade e poder diante do contato com as outras nações indígenas. Vinicius Barros Leal em sua obra intitulada História de Baturité – Época Colonial nos informa que os “Jenipapo e Canindé constituíam um grupo que dominava uma área enorme do nordeste brasileiro. Tinham grandes afinidades linguísticas e culturais bastantes diferentes dos tupis do litoral” (Leal, 1981, p. 59).

Os antepassados dos atuais Kanindé narram e rememoram através da sua oralidade que são provindos da região de Mombaça e que migraram historicamente pelos municípios de Quixadá, Quixeramobim e Banabuiú até se fixarem na serra do Pindá (sertão de Canindé), aonde ainda hoje residem uma fração dos índios Kanindé na aldeia Gameleira. Na memória dos mais velhos registram-se uma enorme luta contra os invasores colonizadores que expulsavam suas famílias da terra em diferentes momentos.

Os Kanindé no seu deslocamento rumo a serra de Aratuba temos registros que por volta de 1873 compraram um pedaço de terra no local conhecido hoje por Sítio Fernandes. Seus primeiros habitantes foram os três irmãos: Joaquim Francisco dos Santos, Raimundo Francisco dos Santos e João Francisco dos Santos. Existem duas escrituras que demonstram essa chegada dos os Kanindé nesse território. A primeira é datada de 15 de abril de 1874, que consta firmação de compra no sitio Marés, com a transcrição de nº 93, de coletoria do município de Canindé, vendida aos irmãos Francisco dos Santos. Existe também outra escritura de compra de terra no cartório de Baturité realizada pelos ditos com registro no dia 12 de março de 1984 e com o número de transcrição nº 968, imóvel Fernandes, localizado na freguesia de São Francisco de Paula, pertencente aos mesmos irmãos Francisco dos Santos.

Não sabemos bem ao certo ainda o que aconteceu para existir duas escrituras de compra da terra pela comunidade. O que sabemos é que naquele momento a terra foi adquirida legalmente pelos três irmãos. Nos documentos de compra e venda que se encontram guardados nos arquivos documentais do Museu Indígena Kanindé verificamos o nome dos três irmãos. Os Franciscos também sempre são mencionados na oralidade dos Kanindé como os primeiros habitantes desse território onde hoje denominamos de Sítio Fernandes. Sobre esse mesmo assunto, Gomes nos diz:

“Os irmãos garantiram legalmente, em 1874, de acordo com um sistema jurídico de normas de propriedades e bens vigentes no Brasil imperial, uma porção de terras delimitadas e circunstanciadas por um conto de reis (...) possibilitava aos três irmãos e as suas famílias se estabelecerem de forma permanente numa porção de terras férteis, deixando-as para seus descendentes”. (GOMES, 2011, p. 97).

A chegada dos primeiros habitantes Kanindé ao Sítio Fernandes nos possibilita refletir sobre as várias migrações provindas dos sertões de Canindé e de Mombaça para a região do Maciço de Baturité. O que levaram as famílias até essa região? Por que escolheram o Sítio Fernandes? Como se estabeleceram as primeiras famílias? Todas essas questões são fundamentais para compreendermos as transformações no modo de vida dos Kanindé ao longo das gerações.

Em pesquisa realizada com os troncos velhos dos Fernandes e da Balança em 1996, durante o processo de afirmação étnica dos Kanindé, sobre quem haviam sido os primeiros a chegar ao Sítio Fernandes, Tia Judite, naquela época com 76 anos e hoje já falecida, informa que foram:

“Os Bernardos e os Francisco, o tio Bandeira, o finado Izidio, a tia Maria, o tio Damião e o velho Damião, vieram do sertão para morar no currimboque no tempo da seca grande, vieram morar na Balança”. (Depoimento de Judite índia Kanindé, em 1996 realizada pelo cacique Sotero – arquivo do MK).

Como podemos observar pelas memórias dos troncos velhos, uma outra gleba dos Kanindé que hoje estão nos Fernandes, são provindos da serra do Pindá, onde hoje se situa a aldeia indígena Gameleira. Vieram em 1915, fugindo das secas que assolavam os sertões naquele período e subiram se arranchando nos Fernandes em busca de água e comida, deixando outros de seus parentes lá no sertão. Para termos uma idéia de como era a Gameleira vejamos o que diz dona Alzira, moradora hoje do Sítio Fernandes que veio da Serra do Pindá;

“Nasci no sertão de Canindé. Na Gameleira. Na serra da Gameleira. Na serra do Pindá é... que antigamente era habitada pelos índio. Que o meu pai mais a minha mãe falava que os bisavô deles aonde tinha ...tem lá uma pedrona. Uma pedra muito grande, muito linda. Ela é assim quase redonda. Que a vida da gente quando criança era assim. Que o papai mais a mamãe dizia: esse menino... essas menina mais esses menino daqui são índio puro mesmo, porque eles só vivem na morada dos índios. Aí nós dizia: porque é que o papai e a mamãe diz que nós só vive na morada dos índios? Porque ali menino, aquela pedra ali, era antigamente no tempo dos índios é que eles moravam lá. Eles dormiam lá. Faziam a comida naquelas cachoeiras e iam dormir lá naquela pedra”. (Depoimento de Alzira Gomes dos Santos em 02/02/2003 – Arquivo MK)

Permanece na lembrança dos Kanindé o nome de muitas outras pessoas que moraram nesta comunidade. Encontramos nos arquivos do Museu Kanindé uma relação de nomes elaborados há anos atrás em pesquisa realizadas por professores e lideranças durante uma formação para novas lideranças indígenas no Ceará. Dentre os nomes citados aparecem: João Canina, João Francisco, Joana Francisca Dos Santos, Joaquim Izabel, José Gadelha, José Lourenço, Zeca Izabel, Julho Bernardo, Raimundo Francisco, Raimundo Pedro, Raimundo Tavares, Raimundo Cadete, Raimundo Bernardo Da Silva, Chico Lúcio, Chico Joaquim, Chico Chaga, Chico Medeiro, Chico Alexandrino, Chico Barroso, Chiquinha Bernardo, Aprígio Bernardo, Antônio Vicente, Alexandrino Carapino, Alexandre Barroso, Alexandre Candido, Assis Bernardo, Alzira Pereira, Antônio Francisco Dos Santos, Albertino Graúna, Joaquim Bernardo, Francisca Dos Santos, Peú Onorato, Prequeté, Profira Dos Santos, Isabel Francisca Dos Santos, Adelina Bernardo, Manoel Rosa, Maria Bezerra, Elisa Bezerra, Maria Brasilina, Chico Brasilino, Chaga Lúcio, Manoel Francisco Dos Santos, Luiz Domingo, Nel Calado, Antônia Francisca Dos Santos, José Marino, Maria Consoelha Soares, Chiquinha Joaquim, Raimunda Bernardo Nascimento, Joaquina Francisca Dos Santos, Marcelina Barroso, Joaquim Barroso, Joaquim Francisco Dos Santos, Assis Francisco Dos Santos, Ester Francisca Dos Santos (Pesquisa realizada por professores indígenas em 1999 junto as lideranças mais velhas do povo kanindé – Arquivo Museu Kanindé).

Além das grandes secas os antepassados dos índios Kanindé fugiam para outros locais para sobreviverem também aos desmandos das elites locais. Encontramos, por exemplo, um documento no arquivo do Museu Kanindé que denuncia uma ação de opressão do prefeito de Aratuba, em 1981, época em que os Kanindé guardam na memória como de grande estiagem A presente denuncia é feita pelo então presidente do sindicato dos trabalhadores rurais de Aratuba, José Valter, que diz:

“Prezados companheiros trabalhadores rurais, achamos que foi um absurdo a maneira como fomos tratados pelo Sr. Prefeito de Aratuba juntamente com os comerciantes desta cidade, quando no dia 27 de março de 1981 tentaram a todo custo oprimir e massacrar toda essa gente humilde e castigada pela sede e pela fome. Nesse mesmo dia o Sr. José Ivan Santos, ao tomar conhecimento de que os agricultores andavam na tentativa de adquirir semente para plantar, e depois de ver um grande número deles agrupados em diversos locais da cidade, resolveu despachá-los com um verdadeiro desacato, quando desta vez foi até a sede do sindicato e gritando alto disse:que isso não era necessidade desse povo, era uma grande servegonhice e anarquia, disse ainda que ia denunciar na polícia federal e até processar o sindicato dos trabalhadores e saiu comentando pelas ruas e até recebeu aplausos dos comerciantes”. (Documento redigido pelo sindicato dos trabalhadores rurais de Aratuba em 31 de março de 1981).

Vários são as narrativas encontradas na memória dos Kanindé sobre as dificuldades, as necessidades que suas famílias passavam, da fome, dos tempos ruins. É emblemático neste sentido o depoimento de dona Maria Sandra:

“Naquele tempo era muito ruim conta meu pai, a gente sofria muito, os tempo era muito ruim, a minha bisavó contava que comiam era couro assado porque não tinha o que comer e naquele tempo já existia índio aqui na nossa comunidade, meu avô conta que tinha medo de dizer que era índio porque os brancos matavam, mas hoje vendo as coisa mudou só que temos que lutar mais pela nossa terra e nosso reconhecimento, eu sou índia”. (Depoimento contado por Maria Sandra contada durante a aula na Escola Diferenciada em 2001).

AFIRMAÇÃO ÉTNICA

Os Kanindé têm uma relação muito forte em seus processos de organização social na comunidade Fernandes com o sindicato dos trabalhadores Rurais de Aratuba. O cacique Sotero, por exemplo, passou mais de quarenta anos na militância do sindicato chegando a fundar uma delegacia sindical na comunidade para atender as necessidades da população que nas décadas de 1980 e 1990 ainda não assumiam a sua identidade étnica. Ele também atuou na construção das Comunidades Eclesiais de Base – CEBS, onde os Kanindé tiveram participação ativa.

Só iniciaram seu processo de afirmação da identidade indígena em meados de 1995. José Maria Pereira dos Santos, o Cacique Sotero, nos conta que foi depois de sua primeira ida a um encontro indígena no município de Maracanaú, a Assembléia Estadual dos Povos Indígenas do Ceará, que ocorreu na aldeia Santo Antônio do povo Pitaguary. Na

ocasião trataram de vários temas relacionados a saúde indígena como podemos observar na pauta que consta no convite:

“1. Como estar a saúde nas nossa áreas indígenas? 2. Como nossos troncos velhos nos ensinaram a combater as doenças? 3. E nós hoje como estamos combatendo as doenças nas nossas áreas? 4. Como se juntamos na nossa força espiritual?”. (Carta Convite para Assembléia Estadual dos Povos Indígenas do Ceará, 1995).

As memórias do processo de afirmação étnica dos Kanindé está diretamente associada à participação ativa de seus representantes na II Assembléia Estadual dos Povos Indígena do Ceará. Na ocasião estiveram presentes diferentes etnias de todo o estado dentre elas os Pitaguary, os Jenipapo Kanindé, Kariri, Tapeba, Tabajara, Tremembé e Potyguara de Monte Nebo, Kanindé entre outros. Sotero participou da referida Assembléia a convite dos povos indígenas que já participavam do movimento no Ceará e em especial da Associação Missão Tremembé. Segundo Sotero tudo começou a partir de sua participação neste evento: “vivemos da agricultura, muitos de nós nem se reconhece como índios, ainda somos desorganizados”. (Fala de Cacique Sotero durante a II Assembléia Estadual dos Povos Indígena do Ceará em 1995 em entrevista ao Jornal o Povo em 27 de outubro de 1995).

Sotero nos revela que sempre mantiveram a história do povo indígena Kanindé no anonimato, não podiam revelar que eram índios, pois segundo seus pais os brancos matavam os índios. Ao ver a história indígena de outros povos na Assembléia de Maracanaú acabou recordando das memórias contadas pelos mais velhos e decidiu que a história dos Kanindé não podia ficar mais silenciada, tinha de ser lembrada pelas gerações mais novas.

Deste modo, a partir de 1995 inicia na comunidade um processo de luta, mobilização e reconhecimento étnico. A princípio os próprios indígenas resistiram, pois eram preconceituosos consigo mesmo, não aceitavam a indianidade, apesar de serem da mesma família. Com o passar do tempo o processo de afirmação de uma identidade indígena começa a se fortalecer em toda comunidade e os Kanindé assumem conjuntamente e a partir das próprias lembranças e memória de seus antepassados sua etnicidade enquanto povo indígena.

O processo de reconhecimento étnico do povo indígena Kanindé foi construído através de muitas superações e resistências principalmente quando a afirmação étnica do povo se desenrolou na luta pela demarcação da terra. Um dos principais conflitos relacionados a

disputa pela terra ficou conhecido na memória do povo Kanindé como a “luta pela Terra da Gia”, quando em 1996, os Kanindé tiveram um grave conflito pela posse de suas terras com trabalhadores rurais da fazenda Alegre, que fica vizinho a aldeia dos Kanindé.

A disputa em torno da Terra da Gia envolveu todo o povo Kanindé e teve início quando um grupo de trabalhadores rurais quiseram incluir parte da terra indígena nas suas áreas de cultivo. No entanto, a área em questão já era tradicionalmente dos Kanindé que a utilizavam para a caça e agricultura familiar, conforme podemos constatar no depoimento do Pajé Maciel:

“Gia é um terreno que nós sabe que tem uns 300 hectares, fica situada na quebrada da serra de Aratuba, entre a Balança e o Régio. É a continuação do sitio Fernandes. Lá é onde nós tem costume de caçar e trabalhar para nosso sustento. Lá não mora ninguém” (Manoel Constantino – Pajé Maciel).

O conflito quase tomou proporções irreversíveis e a questão teve de ser levada para a justiça, onde os Kanindé ganharam a causa. Sobre o caso podemos ler:

“Nós Kanindé sabe da nossa história indígena, mas não publicava porque nós não tinha conhecimento dos direitos que existe hoje ao lado dos povos indígenas. Agora chegou ao nosso saber e queremos garantir a nossa terra indígena, os nossos costumes e as nossas tradições.... nós não quer nem desunião, nem confronto com nossos vizinhos da fazenda Alegre com quem nós sempre nos juntamos para conversar, apoiar, trabalhar ... eles são da mesma família que nós. Nossa terra é sagrada, ela vem dos nossos antepassados e todos que moram nessa região tem conhecimento disso ... nós não quer ser prejudicado na nossa terra, que já é pequena demais e nem dar pra nós viver”. (Depoimento de lideranças Kanindé em carta / Relatório elaborado durante reunião com assessores da questão indígena da Gia em 28 de fevereiro de 1998).

O problema da terra da Gia se deu quando os índios Kanindé do Sitio Fernandes foram convidados pelos trabalhadores rurais da fazenda alegre em 1996 para ajudá-los na luta pela desapropriação da terra, em troca disso, os indígenas ficavam com o terreno da Gia. Nesta época, 30 famílias de Kanindé se juntaram aos assentados na organização pela desapropriação. Todo o trabalho foi feito em coletividade, conforme combinado e acordado entre as duas comunidades, os Kanindé chegaram até a participar de acampamentos junto aos assentados.

Muitos foram os atores que ajudaram os Kanindé a desenvolver suas estratégias de combate contra os assentados da fazenda Alegre, dentre os quais podemos destacar a

Associação Missão Tremembé. Segundo os Kanindé a AMIT foi uma das instituições que mais ajudaram os Kanindé no seu processo de afirmação étnica, oferecendo e possibilitando conhecimentos sobre os processos de regularização fundiária, intercâmbios, trocas de experiências com outras etnias e etc. Para mostrar esse sentimento de gratidão dos Kanindé para com a associação Missão Tremembé encontramos nos arquivos do Museu Kanindé uma carta enviada missionária Maria Amélia Leite que diz:

“Maria Amélia, nós índios kanindé estamos agradecendo a senhora pelo apoio, a força e a coragem que a senhora nos deu, estamos muito felizes pela comemoração que tivemos da nossa terra indígena, graças a deus foi em paz, foi um dia muito animado para nós, recebemos muitas visitas. A vinda dos índios Tremembé ajudou muito nós, tinha muita gente da comunidade, as pessoas fecharam suas casas para vim assistir nossa dramatização. Queremos lhe agradecer muito, a força que nos deu, se não fosse a senhora, nós não teríamos tido esta vitória. Nós agradecemos. Ass: José Maria Pereira dos Santos, Cacique Canindé”. (Carta enviada a Associação Missão Tremembé na pessoa de Maria Amélia Leite, em 30 de novembro de 1996).

Os Índios Tremembé de Almofala participaram ativamente do movimento pela luta da terra da Gia junto com os Kanindé em 1996. Essa grandiosa e importante participação aparece registrada em vários documentos onde os Kanindé mencionam agradecimento aos apoiadores que ajudaram naquele difícil momento. Uma dessas passagens é encontrada em outra carta de agradecimento dirigida ao administrador regional da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, na época Marco Clemente:

“Nós índios Canindé estamos agradecendo o apoio que o senhor deu em nossa luta, já comemoramos a vitória da nossa terra indígena da Gia, foi dia 23 de novembro, comemoramos com dramatizações sobre nossa luta e em seguida com a dança do torém dos índios Tremembé de Almofala. Nós estamos muito satisfeitos porque ganhamos a área que lutamos por ela, são as 265 há. Já está em nossas mãos, por isso queremos agradecer por tudo que fez por nós. Agora só precisamos ser reconhecidos como índios kanindé. Nossos agradecimentos. Ass: José Maria Pereira dos Santos – Cacique Canindé”. (Carta de agradecimento enviada pelos Kanindé ao administrador da FUNAI em 30 de novembro de 1996).



Foto: Cacique Sotero e Cacique João Venâncio Tremembé. Arquivo Museu Kanindé.

Após a vitória obtida na disputa em torno da terra da Gia os Kanindé começaram a participar mais ativamente do movimento indígena a nível estadual. Estabelecem relações com outros povos e principalmente com a Associação Missão Tremembé. A partir daí encontramos diversos documentos que relatam a participação dos indígenas Kanindé em vários eventos realizados no Estado. Dentre eles destacamos a participação no seminário: *Ceará terra da luz, terra dos índios, presença e perspectiva*, que aconteceu no centro do Dragão do Mar de Arte e Cultura, em abril de 2002. A partir desse momento iniciaram fortemente no interior da comunidade as discussões sobre a questão da terra, saúde, cultura e direitos indígenas. Para os Kanindé esse momento foi especial para despertar a necessidade de mobilização e organização social coletiva.

“Meu orgulho é ser índio, a nossa cultura é muito rica que faz eu mim sentir muito gratificado em fazer parte dessa história, que ainda não ganhou reconhecimento de toda a

sociedade”. Essas são palavras de José Maria Pereira dos Santos (o Cacique Sotero) em uma reportagem cedida ao jornal diário do Nordeste em abril de 2002.

Assim permeia a história dos índios Kanindé em busca de reconhecimento oficial perante a sociedade que desde 1995 vem tentando organizar sua memória e luta social onde os direitos originários a terra, principalmente sejam alavancadas e garantidas as futuras gerações.

“Vamos continuar lutando para que o governo federal nos reconheça como índios, e a grande finalidade da aldeia é repassar aos nossos filhos os costumes dos antepassados”-(Diário do Nordeste – reportagem sobre os Kanindé) reconhecimento é objetivo principal- 17 de abril de 2002 (Teresa da Silva Santos)

A organização interna do povo Kanindé começou a ter estabilidade e grande visibilidade entre os próprios índios do Sitio Fernandes e as demais etnias do estado quando no ano de 2000 foi realizado a VI Assembléia Estadual dos Povos Indígenas do Ceará na terra dos Kanindé. O tema do referido encontro foi “Terra e vida, cultura e resistência”.

Estiveram reunidos nessa Assembléia os povos indígenas Jenipapo Kanindé (Aquiraz), Kanindé (Aratuba / Canindé), Kalabaça (Poranga / Crateús), Kariri (Crateús), Pitaguary (Maracanaú / Pacatuba), Potiguara (Crateús / Monsenhor Tabosa), Tabajara (Crateús / Monsenhor Tabosa), Tapeba (Caucaia), Tremembé (Itarema / Acaraú) e os Tupinambá (Crateús), além de amigos e simpatizantes do movimento indígena, parceiros e autoridades.(Carta convite 6ª Assembleia indígena realizada na aldeia sitio Fernandes/ Arquivo MK) Uma comissão de lideranças Kanindé foi quem coordenou junto às famílias locais os trabalhos de apoio a alimentação e hospedagem dos quase 100 participantes indígenas, convidados, entidades de apoio, estudantes e amigos da região.

“Achamos muito importante, porque os idosos acompanharam o trabalho da gente, os jovens, adultos, crianças ajudaram a construir o barracão onde houve os nossos trabalhos durante Assembléia. Também achamos ótimo o trabalho e disposição da Maria Amélia de nos ajudar, de acompanhar passo a passo com a gente e nos apoiar no nosso trabalho indígena, achamos importante também as ajudas das comunidades vizinha com a alimentação e participação no encontro com a gente. Foi bom a responsabilidade da comunidade com os banheiros que ficaram à disposição de todos nós” (Relatório de avaliação da VI Assembleia indígena – Arquivo Museu Kanindé).

As assembléias dos povos indígenas são sempre marcadas pelo fortalecimento da realidade local dos povos indígenas que as recebem, pela grande animação cultural, pelas

trocas de experiências e construção de um sentimento de irmandade e união para a luta. Durante todos os dias foram desenvolvidas palestras, proferidas pelos próprios indígenas, sobre temas que ajudassem o desenvolvimento das lutas. As noites eram bem animadas e destinadas às manifestações culturais, brincadeiras, cantorias, piadas, teatro, Toré e o Torém. Isso foi muito importante naquele momento para os Kanindé cuja terra ainda não era reconhecida oficialmente pela FUNAI, daí a importância desse momento para a luta e processo de organização social da etnia dos Kanindé.

O movimento indígena no Ceará, como em todo o nordeste brasileiro, se caracteriza na luta pela afirmação de sua identidade étnica e pela demarcação de seus territórios tradicionais. Essa luta pela reivindicação dos direitos tradicionais tem revelado a grande capacidade de organização dos indígenas. É através dessa “animação” que vários povos passam a manifestar-se publicamente, reivindicando direitos tradicionais, depois de séculos de silêncio, dentre os quais os Kanindé em Aratuba / Canindé começaram seu processo de afirmação étnica.

Foi justamente por meio da mobilização e articulação comunitária em torno da memória e de nossa ancestralidade indígena que ao longo dos últimos anos obtivemos grandes conquistas para todo o povo Kanindé. Dentre elas destacamos a construção da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos e do Museu Indígena Kanindé que passaremos a analisar mais detidamente nos tópicos seguintes.

EDUCAÇÃO SEMEANDO FRUTOS: UMA ESCOLA DE SENTIDOS

“Teve um tempo que nós para viver precisamos calar. Hoje, nós para viver precisamos falar”. Pajé Luís Caboclo - Povo Tremembé.



A Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos foi fundada em setembro de 1999, no entanto, sua inauguração oficial se deu apenas no dia 05 de agosto de 2006. É uma instituição indígena pertencente à rede Estadual de Ensino mantida pelo Governo do Estado do Ceará e subordinada técnica e administrativamente a Secretaria de Educação Básica – SEDUC, sob a jurisdição da oitava Coordenadoria de Desenvolvimento da Educação – 8ª CREDE – Baturité.

A Escola está localizada na aldeia Sitio Fernandes, zona rural do município de Aratuba. Ela é a realização de um sonho coletivo que demandou muita luta, resistência e perseverança das lideranças indígenas Kanindé que sempre acreditaram numa educação diferenciada como uma importante estratégia para o fortalecimento da identidade indígena Kanindé e desenvolvimento do bem viver local.

A Escola Indígena do povo Kanindé surgiu da necessidade de toda comunidade por uma educação diferenciada que respeitasse as singularidades culturais dos jovens indígenas que vivem em nossas comunidades, mas que tinham que ser educados nas escolas da cidade sem quem as mesmas tivessem um planejamento pedagógico adequado para atender as nossas especificidades étnicas.

Queríamos uma escola que pudesse contribuir com continuidade da cultura do povo Kanindé e oferecer a alfabetização de qualidade para os jovens indígenas, para que todos tivessem possibilidade de conhecer a história da comunidade, as suas origens, por meio do acesso à educação escolar dentro da própria aldeia, provendo oportunidade e visão de futuro as futuras gerações Kanindé. Uma escola que nos ajudasse a desenvolver um projeto de formação educacional diferenciada e específica para suprir as necessidades locais, uma “escola do nosso jeito” (Cacique Sotero), pois só assim os índios Kanindé poderiam amenizar o grande preconceito que assolava a comunidade vinda tanto de outros seguimentos da sociedade envolvente, como também da própria comunidade.

Início-se então por iniciativa de algumas lideranças um processo de articulação objetivando a constituição de uma escola indígena na Aldeia Fernandes. Os primeiros passos para construção de uma educação escolar indígena para o povo Kanindé foram dados pelos professores Suzenilton Santos, Terezinha Barrozo e aliderança Benicio Lourenço após participarem de um seminário no CETREX (Centro de Treinamento em Extensão Rural) em Caucaia sobre educação escolar indígena no Ceará no ano de 2003. Retornaram motivados para a aldeia e convocaram outras lideranças indígenas para uma reunião na comunidade onde a pauta principal girou em torno da construção de duas salas de aula para formação de jovens e adultos na própria comunidade.

Conforme planejado, no início de 2000, foram criadas duas salas de aula para a formação de jovens e adultos na própria comunidade. Um aspecto interessante é que essas primeiras salas de aula funcionaram nas casas de famílias, em pequenos cômodos adaptados para que os estudantes pudessem ser alfabetizados.

Os professores escolhidos para iniciar esse grande desafio foram o Suzenilton Santos e Terezinha Barrozo, pois os mesmos já desenvolviam de maneira voluntária esse trabalho na comunidade há pelo menos dois anos. Somente depois de muitas reuniões, audiência pública com representantes da SEDUC e da Associação Indígena Kanindé, foi desenvolvido um projeto para remuneração dos professores indígenas Kanindé. No ano de 2002, finalmente os professores indígenas passaram a ser remunerados e iniciou-se uma nova etapa na luta por uma educação diferenciada e os professores passaram a ensinar os indígenas interessados em suas próprias casas. O pagamento vinha através de um depósito feito em nome da associação indígena Kanindé de Aratuba – AIKA.

Com a organização do povo indígena Kanindé o número de estudantes foi crescendo e o tamanho das salas foi ficando insuficiente. Na ausência de um espaço físico adequado, foi preciso dividir os alunos jovens e adultos em casas de famílias que tinham um espaço maior para recebê-los. Por meio de uma estratégia elaborada pela comunidade indígena Kanindé para atender a crescente demanda por educação nasceram três “escolas” indígenas dentro da aldeia. Era o embrião do viria a ser nos dias de hoje a Escola indígena Manoel Francisco dos Santos.

Dona Terezinha Barroso é considerada por todos uma pioneira na luta por uma educação diferenciada, uma guerreira que lutou até o fim de sua vida para que houvesse uma educação escolar indígena Kanindé dentro da comunidade. Juntamente com outras lideranças que posteriormente se tornaram também professores como: Suzenilton Santos, Valdelia Gomes, Nelma Batista, Elenilson Gomes, Suzenilson Santos. Lideranças tradicionais também participaram desse movimento em torno da criação de uma educação escolar para o povo Kanindé. Dentre eles destacamos: Cacique Sotero, Cicero Pereira, Pajé Maciel, José Maciel, José Francisco.

Além da demanda pela criação de uma Escola com infra-estrutura adequada na própria comunidade, iniciou-se uma luta por uma formação para os professores indígenas, para que a educação escolar indígena se tornasse realmente de qualidade e impulsionadora de uma transformação social local. Deste modo, os professores Kanindé participaram de um curso de formação para o magistério indígena, com carga horária de 3.400 horas, com início no ano de 2001 e tendo sua finalização em 2003. Este curso foi obtido depois de muita batalha e articulação e se tornou, sem dúvidas, uma das maiores conquistas do povo indígena Kanindé, pois ele serviu para fundamentar a formação escolar dos professores e dar sustentabilidade ao processo de ensino aprendizagem dos alunos indígenas. Serviu ainda como inspiração e suporte metodológico e pedagógico para as futuras ações educativa do grupo formado na Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos.



Professores e Lideranças Kanindé – Magistério Indígena – Foto: Elinaldo Rocha

Através do crescimento educacional do povo Kanindé, foram criadas outras duas salas de aula com crianças com faixa etária de seis a dez anos de idade. Diante deste fato e da inexistência de um espaço físico adequado para atender os alunos, um grupo de professores e liderança do povo Kanindé resolveu procurar o então Secretário de Educação do Município de Aratuba, para marcarem uma reunião na comunidade, pois “queríamos ocupar um grupo escolar que havia sido construído pela própria comunidade” (Cacique Sotero). O Secretário aceitou o convite e trouxe com ele a diretora da Crede 08 de Baturité. Participaram desta reunião, além dos citados gestores, dois professores escolhidos pela comunidade: Suzenilson Santos e Elenilson Gomes. E algumas lideranças tradicionais: Pajé Maciel, Cacique Sotero, Cicero Pereira, José Clovis, José Maciel, Senhor Bernardo, além também de outros professores indígenas Kanindé: Valdelia Gomes, Tereza Barroso e Suzenilton Santos.

Foi a partir dessa reunião que uma série de encaminhamentos puderam se concretizar. Após várias discussões com a comunidade o Secretário de Educação do Município não queria aceitar que as crianças sássem da escola municipal para a escola indígena. O mesmo chegou a dar uma sugestão para que os professores indígenas Kanindé Suzenilson Santos e Elenilson Gomes passassem a lecionar na escola municipal as disciplinas de arte e religião. Não aceitamos, pois estávamos decididos a ter nossos direitos reconhecidos e ocupar um espaço que de fato era dos índios Kanindé.

Após diversos encontros e reuniões, a então Coordenadora da CREDE não vendo mais possibilidades de negociação resolveu acatar a demanda da comunidade. A partir daquele momento começou então uma grande luta, pois os alunos iriam ocupar o espaço do antigo grupo escolar, mas as condições físicas ainda eram precárias e teriam que dividir as salas existentes em duas para atender a demanda. Foi então que o secretário municipal de educação se comprometeu em dar madeirites para que fosse feita as divisórias. No entanto as dificuldades não parariam por aí... a escola tinha espaço físico para abrigar os alunos, mas não tinha a merenda escolar. Temiam até na hora do recreio ao saírem ao mesmo tempo da escola municipal, por sofrerem constrangimento;

“Sofríamos preconceito por parte de alguns funcionários da escola municipal que não aceitavam a idéia de estarmos ocupando um espaço que por direito já era nosso, mais isso só fortalecia a nossa luta, criávamos mais coragem para lutar por nossos direitos e buscamos juntos aos órgãos competentes que fossemos, pois, as lideranças que tomar essa atitude para que fosse aceita a idéia de ocupar o espaço escolar”. (Cacique Sotero).

Durante muitos anos de luta por uma educação escolar específica e de qualidade para o povo indígena Kanindé, no ano de 2005 foi dado um passo importante para a construção de um novo prédio que foi inaugurado oficialmente no dia 05 de agosto de 2006. Um prédio com dois andares, um duplex com amplas salas mobiliadas, com estrutura para receber mais do que os 66 alunos do ensino fundamental de primeira à quarta série e os 200 alunos do projeto de educação de jovens e adultos (EJA). Uma sala específica para iniciação em informática e as demais compoem a unidade escolar: cantina, sala de professores e diretoria, banheiros e um pátio. Um sonho realizado. O povo indígena Kanindé a partir de então passou a ter novas visões, novos objetivos de transformar por meio da educação as futuras gerações.

“ Eu queria ser professora para ensinar o que aprendi para as outras crianças, fiquei muito feliz quando entrei na nova escola, por ser mais ampla e ter salas grandes e oferecer aulas até de informática”. (Declaração da marta sonha Nice Lucio da Silva, aluna da escola indígena – Diário do Nordeste 04 de agosto de 2006).

Quanto à formação dos professores, o nível de escolaridade destes variam de graduandos, graduados e pós-graduados. Tendo em vista o cumprimento da lei 9394/96 que estabelece a graduação como pré-requisito de ingresso no magistério, foi elaborado com a participação de cinco povos indígenas no Ceará, incluindo o povo Kanindé, um projeto de formação em nível superior junto a Universidade Federal do Ceará – UFC, a Licenciatura Intercultural Indígena Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo Kanindé e Anacé- LII

PITAKAJÁ que estar sendo posto em pratica desde agosto de 2010 com termino em agosto de 2016.



Professores Kanindé – formação LII PITAKAJÁ – Foto Elenilson Gomes

A gestão da escola indígena Manoel Francisco dos Santos é compartilhada e os compromissos e responsabilidade são coletivos, por tanto, uma gestão democrática e participativa com observância para os princípios da autonomia, coerência, pluralismo de idéias e envolvimento de ativo da comunidade local e escolar.

Ao longo de todos esses anos o processo de educação escolar da escola indígena Manoel Francisco dos Santos tem se intensificado na comunidade e a escola já tem contribuído muito na luta pela terra, saúde, agricultura e meio ambiente. Nessa caminhada a comunidade foi reconhecida como indígena por outros povos, pela sociedade e pelo governo federal, passando assim a ter autonomia e segurança para lutar por seus direitos.

Outra conquista muito significativa para a luta dos Kanindé em torno da memória, educação diferenciada, afirmação étnica e organização comunitária foi à construção do Museu Indígena Kanindé. Sem dúvidas, um marco decisivo no reconhecimento, visibilidade e desenvolvimento local de toda comunidade.

MUSEU INDÍGENA KANINDÉ: FÓRUM DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS E ANCESTRALIDADE INDÍGENA.

“O museu indígena é um potencial vetor para dar visibilidade as diferenças culturais e terreno fértil para as lutas provindas do processo de construção social da memória. A atuação de sujeitos outrora marginalizados e as potencialidades de reescrita da história tornam o museu indígena um lugar privilegiado no conjunto das lutas provindas da organização dos povos indígenas contemporâneos” (GOMES E VIEIRA NETO, 2009, p 32).

O Museu dos Kanindé foi formado a partir da grande paixão do Cacique Sotero em guardar e colecionar objetos que fizessem referência aos seus antepassados, seus costumes e modos de vida. O processo de formação do acervo se inicia ainda na década de 1990, portanto, concomitantemente ao processo de afirmação étnica dos Kanindé (1995). É anterior a criação da Associação Indígena Kanindé (1998) e da luta por uma educação diferenciada (1999). Poderíamos afirmar que entre os Kanindé, foi uma das primeiras experiências de afirmação da indianidade, pois criado *para contar a história do índio na sociedade*. (Cacique Sotero). Sobre a formação do seu acervo Alexandre Gomes nos diz:

O acervo começou a ser coletado antes, mas foi principalmente após 1995, os primeiros anos de mobilização étnica, que se foi avolumando com mais rapidez, como vestígio desse processo. Compreendemos a constituição deste acervo como parte do processo de mobilização por reconhecimento. Foram se acumulando objetos representativos das vivências em um presente indígena (participação em atos, reuniões, viagens, materiais de eventos e mobilizações, objetos rituais, adornos corporais, jornais, fotografias etc.) e das investigações documentais que começaram a fazer, das seleções e descartes, das apropriações e invenções, das ações voltadas para a construção de um passado no qual falam dos ancestrais, de suas migrações e territorialização, resistência e sofrimento, perseguições e lutas para manter a posse das terras. (GOMES, 2012, p. 103)

Entretanto, o Museu Kanindé só foi aberto ao público em 1996, após o acirramento da luta pela terra da Gia. Trata-se de um espaço de memória que retrata a história do povo indígena Kanindé através dos seus objetos e da memória indígena local. Foi criado com o objetivo de contar as memórias dos troncos velhos para as novas gerações. Em seu acervo traz objetos representativos do modo de vida do povo Kanindé, de como classificam aquilo que de fato é importante para a sua vivência em comunidade e enquanto coletividade. Os objetos estão individualmente ligados a significados e interpretações que remetem a um passado comum e, sobretudo, de organização étnica.

Cada vez que o tempo passava eu fui amadurecendo e fui achando e ganhando mais coisas, fui pensando que era uma cultura nossa, por exemplo, a caça que nois gostava muito de caça e ainda hoje nois gosta, só que elas tão mais difícil por causa das matas que foram muito acabada... Mais era eu pensar que aquilo ali era uma cultura nossa, como o milho e as outras coisas, tudo era coisa que ia ser bem difícil pra gente, por isso que eu guardava pra mostrar como era, porque quando eu fui vendo as coisas mudando eu pensei em guardar àquelas coisas pra gente ver a diferença de hoje pra o tempo passado. E comparava aquelas coisas como um museu, eu disse: eu vou guardar que são coisas velhas que nossos filhos talvez num alcance, pro meus netos e meu povo que não conhece, eu vou mostrar as coisas velhas antigas que diziam que tinha índios³.

O Museu Indígena Kanindé funcionou a princípio em um pequeno quartinho ao lado da casa de seu fundador. Cacique Sotero sempre apresentava com muita emoção os objetos guardados dentro daquele pequeno espaço físico, mas de muita importância para os Kanindé. Foi através dele que as principais ações relacionadas a memória e o patrimônio foram sendo desenvolvidas. Foi no antigo espaço do Museu Kanindé que tudo começou: as formações, a limpeza dos objetos, a marcação e as outras atividades relacionadas ao museu e a escola diferenciada.



Antiga sede do Museu Kanindé – Foto: Suzenilson Kanindé

Nesse processo de reorganização do Museu dos Kanindé nasce o desejo de que as ações pudessem ser mais eficazes e contribuir, inclusive, na formação dos jovens estudantes

³ Entrevista com o Cacique Sotero, realizada por Alexandre Oliveira Gomes, em 15 de maio de 2011.

da Escola. Pensando nessa perspectiva que foi discutido a criação do Núcleo Gestor e Educativo para o Museu Kanindé, podendo assim delinear ações para o crescimento do papel educativo do museu.

A Criação do Núcleo Gestor e Educativo para o Museu Kanindé foi sempre um sonho do Cacique Sotero que desde o início idealizava a formação de um grupo que pudesse dar continuidade ao seu trabalho. A proposta foi discutida na comunidade concomitantemente a pesquisa de campo realizado pelo Alexandre Gomes (UFPE) para sua dissertação de mestrado na aldeia. Na ocasião, foi pensando em se criar uma equipe que pudessem dar conta de atividades de formações, mediação e gestão.

Assim, entre os meses de maio e julho de 2011 foi desenvolvido um trabalho de elaboração da documentação museológica do Museu Indígena Kanindé. O principal objetivo naquele momento era inventariar as peças, realizando a identificação, bem como sua classificação e marcação dos objetos do acervo. Para esse trabalho foi formado um grupo de trabalho GT, que posteriormente culminou no Núcleo Educativo do Museu Indígena Kanindé. Este era composto por estudantes da escola indígena Manoel Francisco dos Santos, que possuíam faixa etária entre 13 e 17 anos, coordenado por um professor da Escola Kanindé, Suzenilson Santos, que assumiu a organização.

“Enquanto núcleo educativo durante a formação de Alexandre atuei dentro das diversas áreas do processo de inventário do MK. Dentre elas estão identificação do acervo, higienização, catalogação, marcação, e reorganização das peças. Posteriormente atuei como monitora recebendo os visitantes no MK, e viajando enquanto representante do mesmo”. (Antônia da Silva Santos – Monitora do Museu Kanindé).

Os jovens estudantes passaram por uma capacitação antes de iniciar os trabalhos de documentação no acervo do museu. Houve a partir desse momento uma verdadeira formação técnica para os integrantes do GT.

“Tivemos várias oficinas como museologia, antropologia e entre outras, eu participei de tudo, pois a formação dele teve o intuito de capacitar jovens da comunidade pra da continuidade a nossa história, aprendemos e repassamos nossa história e também que ajuda muito na nossa educação e com isso temos facilidades de ingressar na área que gostamos que pra maioria dos jovens que participaram do núcleo é a museologia e facilitará muito nós no futuro e no agora também”(Breno Rocha Santos – Monitor do MK em 2011 a 2015)

Neste contexto, foi realizada a organização da documentação museológica: o livro de tomo do Museu Kanindé, elaborado o registro documental do acervo, o inventário participativo com a numeração dos objetos e identificação do acervo, sob a supervisão do historiador Alexandre Oliveira Gomes. A partir de então se desenvolveram várias atividades de formação para com os indígenas que culminou com a criação do Núcleo Educativo do Museu Indígena Kanindé.



Trabalho de realização de Marcação e catalogação dos objetos do MK
Foto: Suziany Kanindé

O aprendizado dos Monitores do núcleo educativo do Museu Kanindé sempre foi um desejo do cacique Sotero para que pudesse dar sustentabilidade a cultura e a memória dos Kanindé. Diante das ações de formação desenvolvidas pelo Museu os estudantes / monitores se tornaram homens e mulheres de grande conhecimento e futuras lideranças. As formações foram de suma importância como podemos constatar nas palavras da monitora Antônia da Silva Santos:

“A experiência adquirida durante o processo de inventário, me permitiu aperfeiçoar os conhecimentos nas áreas de memória e patrimônio, e dentro do campo das ciências sociais de modo mais amplo. Na área profissional pude identificar uma nova área de formação acadêmica, cuja qual, futuramente pretendo aprofundar-me. Na área de educação, pude aperfeiçoar as áreas de conhecimento dentro das ciências humanas, melhorando consideravelmente minhas notas nessa área. Na área pessoal pude adquirir maior maturidade intelectual e pessoal, além de desenvolver maior

simpatia pelos aspectos históricos do meu povo”. (Antônia da Silva Santos – Monitora MK)

Muitos desses alunos que participaram do Núcleo Educativo atualmente passaram no vestibular e hoje fazem universidade em cursos que vão desde a gastronomia, administração, biologia, entre outros. A vontade dos alunos, bem como da comunidade no geral é de que os mesmos voltem e deem sustentabilidade e continuidade à educação e cultura do povo Kanindé.

“Foi através do MK que consegui crescer tanto na comunidade quanto fora, em relação à vida profissional e educacional contribuiu bastante para meus conhecimentos. Em relação ao início onde e como tudo começou, não participei exatamente do início, entrei em um segundo momento de criação do livro de tombo e inventário participativo e fui uma das monitoras, o MK é de suma importância para a comunidade pelo simples de que ele mantém viva a história, cultura e identidade.” (Samara Lourenço – Monitora do Museu Kanindé de 2013 a 2016)

Neste mesmo período, o cacique resolveu levar o Museu Indígena Kanindé para as adjacências da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos tendo em vista a oportunidade de ficar mais próximo da escola e estabelecer um contato maior entre os dois estabelecimentos educacional e cultural. A oportunidade de concretizar essa aproximação se deu após o Museu Indígena Kanindé ser contemplado no Edital Pontos de Memória no ano de 2011⁴. A partir dos recursos provindos da premiação foi possível a construção de um novo espaço físico mais apropriado para acondicionar o acervo ao lado da Escola Diferenciada. Todo o trabalho de construção da nova sede do museu se deu por meio de mutirão com ampla participação de toda a comunidade.

Compreendemos que o museu indígena Kanindé configura-se como espaço propício para a educação indígena, pensando na perspectiva apontada por Castro e Vidal, ao

⁴ Museu dos Kanindé, Formação, Fomento e Infraestrutura foi o projeto ganhador do prêmio pontos de memória no Brasil edição 2011 pelos Kanindé no valor de R\$ 30.000. O Programa pontos de Memória é uma parceria entre o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM/MinC), Programa Mais Cultura e Cultura Viva, do Ministério da Cultura, e a Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI), tem como objetivo apoiar ações e iniciativas de reconhecimento e valorização da memória social com metodologia participativa e dialógica. Os Pontos de Memória valorizam o protagonismo comunitário e concebem o museu como instrumento de mudança social e desenvolvimento sustentável são capazes de promover a melhoria da qualidade de vida da população e fortalecer as tradições locais e os laços de pertencimento, além de impulsionar o turismo e a economia local, contribuindo positivamente na redução da pobreza e violência.

afirmarem que estes espaços culturais devem “promover e orientar atividades de pesquisa e extensão cultural, com objetivo de refletir sobre a construção de estratégias de desenvolvimento para sua comunidade.” (VIDAL, 2011, p.270).

Deste modo, nos últimos anos o museu indígena Kanindé vem realizando diversas ações em parceria com a Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos que contribuem no fortalecimento da organização comunitária ao trabalhar diversas formas de socializar a memória, o patrimônio, bem como as práticas culturais, difundindo a história local como forma de assegurar às futuras gerações a memória social dos Kanindé.

Um exemplo disso é o prosseguimento das ações de inventário participativo das referências culturais em todo território Kanindé por meio de uma articulação entre Escola, Museu e instituições parceiras. Esta trabalho começou após uma reunião na Escola Indígena dos Kanindé que contou com a participação de representantes do Núcleo Educativo do Museu Indígena Kanindé, de alguns professores indígenas e lideranças locais, de um representante do Museu Comunitário Quilombola da Serra do Evaristo (instituição na qual estávamos dialogando), e do Historiador João Paulo Vieira Neto, membro da Rede Cearense de Museus Comunitários e Consultor do Programa Pontos de Memória convidado para coordenar ações em torno do inventário participativo.

Estabelecidas as parcerias, nos dias 6 e 7/12/2013, realizamos a primeira etapa da oficina de inventário participativo denominada “Da aldeia ao quilombo”. Participaram da formação aproximadamente 30 lideranças, jovens e representantes do Museu Indígena Kanindé e do Ecomuseu da comunidade Quilombola da Serra do Evaristo. Aproveitamos a ocasião para delinear a metodologia e iniciar sua aplicação piloto. A segunda etapa da oficina ocorreu nos dias 17 e 18/01/2014, no Museu Indígena Kanindé. Na ocasião, os participantes apresentaram os resultados iniciais do inventário participativo nas duas comunidades. Esta ação proporcionou um importante intercâmbio e uma troca de experiências entre as duas iniciativas pioneiras de museologia social em comunidades étnicas no Ceará.



Figura 1: Visita ao sítio arqueológico da comunidade quilombola da Serra do Evaristo durante as atividades de realização do inventário participativo.

Apesar da paralisação temporária das atividades do inventário participativo, o trabalho de identificação das referências culturais, elaborado na primeira etapa da pesquisa, vem subsidiando o desenvolvimento de outras ações na comunidade, por exemplo, o Curso de Implantação de Trilhas Ecológicas no Território Kanindé, realizado em duas etapas e cujo objetivo maior era o de reconhecer *in loco* todos os bens selecionados para o inventário. Um momento para troca de saberes, reconhecimento dos lugares de memória, da flora e da fauna, dos conhecimentos sobre plantas medicinais, dos lugares sagrados e etc⁵.

Outro importante desdobramento que poderíamos considerar fruto do processo de inventário participativo em curso tanto na comunidade indígena Kanindé como na quilombola do Evaristo foi a parceria estabelecida com o Laboratório de Geoprocessamento da Universidade Federal do Ceará (Labocart) para a realização de uma pesquisa sobre alimentos tradicionais e elaboração de cartografia social das comunidades tradicionais do Maciço de Baturité, ou seja, o mesmo recorte que fizemos para elaboração dos inventários participativos na região.

A primeira atividade da pesquisa ocorreu no dia 15 de setembro de 2015 e contou com a colaboração e parceria dos alunos do Curso de Hotelaria e Gastronomia do Campus

⁵ Para saber mais sobre esta atividade acessar: <http://adelco.org.br/2015/06/curso-de-trilhas-kaninde-de-aratuba/>

Baturité e do Laboratório de Cartografia (LABOCART) do Departamento de Geografia da UFC. A atividade faz parte do projeto de pesquisa A Geografia dos Alimentos Tradicionais dos Povos e Comunidades do Maciço de Baturité – Um Estudo sobre os Índios Kanindé de Aratuba e os Quilombolas da Serra do Evaristo – coordenado pela Professora Anna Erika Ferreira Lima. A pesquisa visa investigar a biodiversidade alimentar das duas comunidades tradicionais com vistas a identificar os alimentos tradicionais com potenciais para geração de segurança alimentar e nutricional. O projeto de cartografia social permite às populações desenhar, com ajuda de profissionais, mapas dos territórios que ocupam. Em vez de informações técnicas, os mapas sociais são construídos de forma participativa e apresentam o cotidiano de uma comunidade. Neles, são colocadas localidades, rios, lagos, casas, equipamentos sociais como hospitais, escolas, e outros elementos que as populações envolvidas julgam importantes.⁶

Diante das diversas atividades desenvolvidas pelo Museu Indígena Kanindé surgiu à necessidade de ampliação do espaço do museu. Deste modo, há alguns meses iniciamos uma parceria com a Associação Desenvolvimento Local Co Produzido (ADELCO) para realização de uma ampliação do Museu Kanindé como parte das atividades estruturantes do Projeto Etnodesenvolvimento – Ceará Indígena. O referido projeto tem como perspectiva a melhoria da qualidade de vida de comunidades indígenas do Ceará por meio da dinamização a economia solidária local e do fortalecimento de uma proposta de turismo de base comunitário⁷.

Concluídas a reforma do Museu dos Kanindé o mesmo contará com duas salas de exposição, uma secretaria, uma Oca de recepção e mobiliário adequado para o acondicionamento das coleções. Há um acervo riquíssimo em permanente formação e agora um amplo espaço para receber visitantes de dentro e fora da aldeia. Todo o trabalho é realizado por jovens estudantes da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos que compõem o Núcleo Educativo do Museu Kanindé e que atuam na realização de ações educativas, culturais e nas atividades de organização e limpeza do espaço.

⁶ Para saber mais informações consultar: <http://www2.cefetce.br/extensao/3-noticias/outras-noticias/2516-baturite-participa-de-oficina-de-cartografia-na-ufc-as-oficinas-ocorreram-no-departamento-de-geografia-da-universidade.html>

⁷ Para saber mais sobre o projeto Etnodesenvolvimento – Ceará Indígena, consultar o link: <http://adelco.org.br/categoria/projetos/etnodesenvolvimento/>

O volume de visitação a cada dia aumenta. O Museu recebe um público amplo, de municípios do Maciço de Baturité, entre escolas, universidades e outros grupos. Isto, sem contar a presença de outros povos indígenas que vêm conhecer o espaço, que conta a história não só do povo indígena Kanindé, mas também do Ceará, do Nordeste e do Brasil, através de seu acervo.

O Museu Indígena Kanindé encontra-se cadastrado no Sistema Brasileiro de Museus (SBM) do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e também ao Sistema Estadual de Museus do Ceará (SEM-CE), da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (SECULT). O Museu é ainda integrante ativa e fundadora da Rede Cearense de Museus Comunitários (RCMC), e da Rede Indígena de Memória e Museologia Social no Brasil aonde vem realizando várias ações em parceria.

Hoje o Museu Indígena Kanindé constitui-se num centro de documentação que guarda interessantes indícios sobre o processo de organização política em torno da identidade étnica. Participa ativamente das mobilizações indígenas que envolvem as temáticas da memória, do patrimônio e dos museus a nível local, estadual e nacional. Essa participação ativa vem proporcionando um respaldo e grande reconhecimento de suas ações de gestão, ação educativa e manutenção do patrimônio e da memória local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de uma grande caminhada pelas veredas das memórias e histórias do povo Kanindé podemos afirmar que, sem dúvidas, este povo guarda em suas lembranças e trajetórias uma história de lutas e batalhas, de longas jornadas e migrações a procura de novas terras, com abundância de água, onde pudessem viver sem a perseguição dos latifundiários e criar seus descendentes e manter seus costumes tradicionais.

Os Kanindé sempre demonstraram ao caminhar por suas veredas ser um povo forte, guerreiro, que sempre buscou formas de sobrevivência e sobressair das dificuldades, preconceitos e das diversas perseguições dos opressores. Os mesmos são responsáveis por contar e refazer sua própria história, retirando de suas vidas os entraves que hoje servem como aprendizados e na luta por afirmação indígena. Seus guardiões da memória estão conseguindo fortificar e solidificar e enriquecer o movimento, a cultura e a afirmação étnica.

Fundamentais na caminhada para afirmação étnica Kanindé, sem dúvida, a Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos e o Museu Indígena Kanindé, com suas filosofias e metodologias de educação diferenciada vem contribuindo para o enriquecimento cultural e valorizando da cultura do povo Kanindé. Suas ações educativas e práticas de formação em letramento buscam sempre formação crítica de novas lideranças, possibilitando nossa entrada nas universidades e produzindo conhecimentos que garantiram nossa sustentabilidade e bem viver na comunidade.

Os índios Kanindé buscam uma organização comunitária sempre com a participação de todos da comunidade sendo guiadas por seu cacique e lideranças, com participação direta da organização da comunidade a AIKA (Associação Indígena Kanindé De Aratuba), criada com o intuito de buscar projetos comunitários para o crescimento da aldeia e realizar o gerenciamento organizacional do povo kanindé.

Concluimos que a diversidade existente na memória do povo kanindé é existente para fortalecer as diversas dinâmicas sociais dentro da comunidade e que esses espaços conhecidos pelos guardiões da memória como veredas nos são primordiais para entendermos todo o processo de história, afirmação étnica e organização comunitária entre os índios kanindé no Ceará.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e patrimônio*. Ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

TUKANO Alvaro. Doéthiro: Álvaro Tukano e os séculos indígenas no Brasil. 2010.

Gomes e Vieira Neto. Museu e Memória Indígena no Ceará: Uma proposta em construção. Fortaleza: SECULT, 2009.

VARINE, Hugues de. 2012. *As Raízes do Futuro: O Patrimônio a Serviço do Desenvolvimento Local*. Tradução de Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz.

GOMES Alexandre Oliveira. Aquilo é uma coisa de índio: objetos, memória e etnicidade entre os kanindé no Ceará. Recife. 2011. Pg.78 a 95

Os caboclos de Montemor. In: Revista do Instituto Histórico do Ceará. Fortaleza: Editora do Instituto Histórico do Ceará, 1916, p. 279-302.

FEITOSA, Padre Neri; MARTINS, Raimundo Nonato Pereira. Canindé: Gráfica e Editora Canindé, 2011.

Padre Neri. *Origens do Canindé*. Escolar e turístico. Canindé: Instituto memória de Canindé, 2002.

FREIRE, José Ribamar Bessa. A descoberta dos museus pelos índios. In: *Cadernos de etnomuseologia*. Nº 01. Rio de Janeiro Estado do Rio de Janeiro, 1998,p. 5-29.

Museus e memória indígena no Ceará: a emergência étnica entre lembranças e esquecimentos. In: PALITOT, Estevão Martins (Org.). *Na mata do sabiá*. Contribuições sobre a presença indígena no Ceará. Fortaleza: Museu do Ceará/Imopec, 2009a, p. 367-391.

PINHEIRO, Francisco José. História do conflito. Os povos nativos e os europeus no Ceará. 2002, p. 37-48.

PUNTONI, Pedro. *A guerra dos bárbaros*. Povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720. São Paulo: HUCITEC: Editora da USP: FAPESP, 2002.

SILVA, Isabelle Braz Peixoto da. *O Relatório Provincial de 1863*: Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009.

ACERVO MUSEU KANINDÉ

“ Registro e data de sesmaria aos tapuias da nação kanindé”. 17 de agosto de 1734.

Assentos das pazes com os Janduís. 10-4-1692. In: PUNTONI, Pedro. *A guerra dos Bárbaros*. Povos Indígenas e a colonização do sertão Nordeste do Brasil, 1650-1720, p. 300-302.

Retificação da paz feita com os tapuias janduís da Ribeira do Açú, 20-09-1695. In: PUNTONI, Pedro. *A guerra dos Bárbaros*.

Qualificação de reivindicação da Terra Indígena Kanindé de Aratuba, 2011.

Escritura pública de compra e venda de um pedaço de terra no lugar denominado Fernandes distrito de Cuité termo de Baturité. Data: 15 de abril de 1874.

Certidão autêntica de transcrição referente ao imóvel denominado Fernandes localizado no lugar “São Francisco de Paula” sobre a serra hoje município de Aratuba. Data: 12 de março de 1884.

Depoimento da tia Judite, 76 anos na época hoje falecida. Setembro de 1996. Acervo do MK.

Depoimento de Alzira Gomes, 70 anos. Fevereiro de 2001.

Depoimento de Maria Sandra da Silva Santos. 2001.

Depoimento de Luiz Matias de Souza. Novembro de 2001.

Carta ao prefeito Municipal de Aratuba. Novembro de 2002.

Carta ao Secretário de Educação do Estado do Ceará Jaime Cavalcante. Julho de 2002

Documento histórico aldeia “comum” pesquisa do missionário José Martins 2001.

Pesquisa de lista de índios mais velhos Fernandes. 1999

Carta de denúncia do sindicato dos trabalhadores rurais de Aratuba contra prefeito de Aratuba. Março de 1981.

Sociedade Indígena Canindé (Depoimentos de José Maria Pereira dos Santos (Sotero). Setembro de 1996.

Relatório da 6ª Assembleia Indígena no Ceará realizado na aldeia Fernandes em 2000.

Avaliação da comunidade indígena Fernandes em novembro de 2001.

Carta Convite da II Assembleia dos Povos Indígenas do Ceará

Ata da inauguração da escola diferenciada de E.F.M. Manoel Francisco dos Santos, 03 de agosto de 2006.

Termo de compromisso. Relatório de viagem (Marcos Aurélio Cândido da Silva). 11 de novembro de 1996. Incra, Superintendência Regional do Ceará, Divisão de assentamento).

Jornal O Povo, 27 de outubro de 1995.

Jornal o Povo, 04 de agosto de 2006.

Jornal Diário do Nordeste, 14 de janeiro de 2002.

Jornal Diário do Nordeste, 17 de abril de 2002.

Jornal da Serra Edição março de 2001.

ENTREVISTAS

Entrevista com José Maria Pereira dos Santos, o Cacique Sotero, 68 anos, realizada por Suzenilson da Silva Santos e Suerdo Gomes Martins, em 18 de maio de 2016.

Entrevista com Cicero Pereira dos Santos, liderança kanindé ,63 anos, realizada por Suzenilson da Silva Santos e Suerdo Gomes Martins, em 20 de maio de 2016.

Entrevista com Francisco Bernardo da Silva, Sinhô Bernardo, 69 anos, realizada por Suzenilson da Silva Santos e Suerdo Gomes Martins, em 25 de maio de 2016.

Entrevista com Breno Rocha Santos, Monitor MK, 18 anos, realizada por Suzenilson da Silva Santos e Suerdo Gomes Martins, em 13 de junho de 2016.

Entrevista com Antônia da Silva Santos, Monitora MK, 16 anos, realizada por Suzenilson da Silva Santos e Suerdo Gomes Martins, em 20 de junho de 2016.

Entrevista com Samara Lourenço dos Santos, Monitora MK, 20 anos, realizada por Suzenilson da Silva Santos e Suerdo Gomes Martins, em 22 de junho de 2016.

SITES / BLOGS

www.mkindio.blogspot.com

www.escolakaninde-indio.blogspot.com

www.adelco.org.br

www.cdpdh.org.br

www.missãotremembe.blogspot.com

www.cultura.gov.br

www.redememoriaindigena.net.br

ANEXO 1
(Ações educativas do Museu Kanindé)

Ações Educativas Ano De 2011		
Atividades	Data	Local
Inventario participativo “Museu Kanindé”	Agosto a Dezembro	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos e Museu Indígena kanindé (MK) - Aldeia Fernandes
Formação para professores indígenas kanindé	Agosto a Dezembro	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos e Museu Indígena kanindé (MK) - Aldeia Fernandes
Ações Educativas Ano De 2012		
Atividades	Data	Local
Formação do núcleo educativo museu indígena kanindé.	28 de março	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos - Aldeia Fernandes
V Edição dos jogos tradicionais indígenas do povo kanindé.	21 de abril	Aldeia pé da serra da Balança
Objetos, Memória e Etnicidade Kanindé.	18 de maio	Escola indígena Manoel Francisco dos Santos – Aldeia Fernandes
Ação educativa define ações para museu dos kanindé.	23 de junho	Museu Kanindé Aldeia Fernandes
Oficina: Etno Construção kanindé.	27 a 29 de setembro	Associação Indígena Kanindé “AIKA)
Feira científica e cultural-	22 de novembro	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos
Núcleo educativo: Oficina de Cinema e Vídeo	17,18, e 19 de dezembro.	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos- Aldeia Fernandes
Ações Educativas Ano De 2013		
Atividades	Data	Local
Curso de Serigrafia kanindé	19 de fevereiro	Escola indígena Manoel Francisco dos Santos- Aldeia Fernandes
		Escola indígena Manoel

Oficina e arqueologia e antropologia	26 de fevereiro	Francisco dos Santos- Aldeia Fernandes
Roda de conversa com os guardiões da memória Kanindé	30 de agosto	Escola Manoel Francisco dos Santos no dia – Aldeia Fernandes
Ações Educativas Ano De 2014		
Atividades	Data	Local
Da aldeia ao quilombo - inventário participativo em museus nas comunidades tradicionais do maciço de Baturité.	17 e 18 de janeiro	Serra do Evaristo - Baturité
Pesquisa em patrimônio e memória. Lugares Mobilizadores da Identidade Étnica Kanindé: Escola Indígena.	04 de fevereiro	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos
História Indígena no Ceará: Tema de Aula no Tempo Comunidade na Escola Kanindé	10 de fevereiro	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos
Pesquisa em patrimônio e memória. Lugares de memória na oralidade kanindé: Chapada do Vento, Catolé, Arame, Balança: Casa de Farinha.	16 de fevereiro	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos
Pesquisa em patrimônio e memória Lugares mobilizadores da identidade étnica kanindé: Associação Indígena Kanindé de Aratuba – AIKA	18 de fevereiro	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos
Oficina: “fazendo remédio do mato: cura e saúde entre os kanindé”.	20 de fevereiro	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos
Museu Kanindé - Realiza Pesquisa em Patrimônio e Memória Kanindé.	23 de fevereiro	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos e Museu Indígena Kanindé
Pesquisa em patrimônio e memória. Lugares na oralidade kanindé: “Olho d’água do Tavaró”.	25 de fevereiro	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos

Oficina: “ <u>A Devoção a São José entre os Kanindé</u> ”. Ministrante: Rita Pequena – Senhor Bernardo.	14 de março	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos e Capela de São José – Aldeia Fernandes
Pesquisa em patrimônio e memória. Lugares mobilizadores da identidade étnica kanindé: <u>Museu Indígena Kanindé</u> .	17 de março	Museu indígena kanindé e centro de artesanato – Aldeia Fernandes
Pesquisa em patrimônio e memória. Lugares na oralidade kanindé: <u>Serra do Rajado</u> .	29 de março	Escola indígena Manoel Francisco dos Santos e Museu MK- Aldeia Fernandes
Oficina: História do Ceará	04 de abril	Escola indígena Manoel Francisco dos Santos e Museu MK- Aldeia Fernandes
Oficina: História Indígena no Ceará.	14 de abril	Escola indígena Manoel Francisco dos Santos e Museu MK- Aldeia Fernandes
Pesquisa em patrimônio e memória. Lugares mobilizadores da identidade étnica e oralidade kanindé: <u>Terra Indígena da Gia</u> .	16 de abril	Escola indígena Manoel Francisco dos Santos- Aldeia Fernandes
Pesquisa em patrimônio e memória. Celebrações fortalecedoras da identidade indígena kanindé: <u>Semana do Índio – Apresentação de Documentário</u> .	18 de abril	Escola indígena Manoel Francisco dos Santos- Aldeia Fernandes
Pesquisa em Patrimônio e Memória. Celebrações Fortalecedoras da Identidade Indígena Kanindé: “ <u>A festa do Mungunzá e o Ritual do Toré</u> ”.	22 de abril	Escola indígena Manoel Francisco dos Santos- Aldeia Fernandes
		Museu indígena kanindé –

Preparação de construção do trabalho para <u>apresentação da III etapa do inventário participativo em museus.</u>	24 de abril	Aldeia Fernandes
Oficina: museu e memória indígena kanindé	13 de maio	Escola indígena Manoel Francisco dos Santos- Aldeia Fernandes
Catologação e registro dos objetos do museu kanindé	01 a 02 de julho	Escola indígena Manoel Francisco dos Santos- Aldeia Fernandes
Museologia social – educação escolar indígena kanindé	15 e 16 de agosto	Escola indígena Manoel Francisco dos Santos- Aldeia Fernandes
III Feira científica – técnicas para o desenvolvimento sustentável	25 de novembro	Escola indígena Manoel Francisco dos Santos
Ações Educativas Ano De 2015		
Atividades	Data	Local
Intercambio de integração, esportiva e cultura kanindé	14 de março	Aldeia Balança
VII Feira regional de ciências e cultura maciço de Baturité	19 de novembro	Aracoiaba-CE

ANEXO 2
(Mobilizações / eventos participados pelo MK)

Mobilização/ Eventos Ano De 2012		
Atividades	Data	Local
I Roda de conversa com guardiões da memória kanindé	28 de março	Escola indígena Manoel Francisco dos Santos- Aldeia Fernandes
Exposição: Artesanato indígena kanindé.	24 de abril	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos – Aldeia Fernandes

10ª Semana Nacional de Museus	14 a 20 de maio	Escola indígena Manoel Francisco dos Santos – Aldeia Fernandes
Encontro rede pontos de memória e museus comunitários.	04 a 06 de junho	SECULT/ CE
Reunião da Rede Cearense de Museus Comunitários.	10 de julho	Museu do Ceará - Fortaleza
Projeto Patrimônio Para Todos	23 a 28 de julho	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos – Aldeia Fernandes
6ª Primavera de museus	28 de setembro	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos – Aldeia Fernandes
Museu Indígena Kanindé vai ao Rio de Janeiro "Intercambio"	27 de outubro e 01 de novembro	Museu Sankofa - RJ
5º Fórum nacional de museus	20 de novembro	Petrópolis - RJ
II Encontro de Formação de Gestores de Museus Indígenas do Ceará	04 de dezembro	Museu indígena jenipapo Kanindé – Aquiraz
Mobilização/ Eventos Ano De 2013		
Atividades	Data	Local
Curso de Introdução a Fotografia	13 de fevereiro	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos – Aldeia Fernandes
Memória indígena: kanindé recebe mestres da cultura do Ceará.	19 de fevereiro	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos – Aldeia Fernandes
Kanindé, Cultura - Exposição Fotos e Fatos.	26 de fevereiro	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos – Aldeia Fernandes

Reunião da Comissão Provisória de Gestão do Programa Pontos de Memória	25 e 16 de março	IBRAM - Brasília
Ponto de Memória: Museu Indígena Kanindé é Reinaugurado.	18 de maio	Museu Indígena Kanindé (MK) – Aldeia Fernandes
Exposição “os povos indígenas” no Ceará	01 a 05 de Outubro	Escola Indígena Kanindé e Museu Indígena kanindé –Aldeia Fernandes
I Seminário de Antropologia - PPGA - Universidade Federal de Pernambuco.	26 a 28 de novembro	Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.
Da Aldeia ao Quilombo inventario participativo	07 e 08 de dezembro de 2013	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos e Museu Indígena Kanindé – Aldeia Fernandes

Mobilização/ Eventos Ano De 2014

Atividades	Data	Local
III etapa oficina de inventário participativo em museus	25 e 26 de abril	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos – Aldeia Fernandes
III Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus. IV Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural.	29 de abril até 1 de maio	Tupã- SP
Festa de comemoração dos quatros anos de criação do museu indígena jenipapo kanindé	12 de setembro	Museu indígena jenipapo kanindé
Intercâmbio cultural	20 de setembro	Associação missão Tremembé
IV Teia da memória	23 a 25 de novembro de 2014	Belém

Mobilizações/ Eventos Ano De 2015

Atividades	Data	Local
I Fórum de museus indígenas do Ceará	16 e 17 de maio	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos – Aldeia Fernandes
I Fórum de museus indígenas do Brasil	16 e 17 de maio	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos – Aldeia Fernandes
III Encontro de gestores de museus indígenas do Ceará	16 e 17 de maio	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos – Aldeia Fernandes
9ª Primavera de museus	21 de agosto de 2015	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos – Aldeia Fernandes
Celebração do centenário do povo kanindé	20 de novembro de 2015	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos – Aldeia Fernandes